
Cartas ao Director

Sobre o Editorial da *Quadrante* Vol. 3, nº 2

Estimado Director:

O Editorial do número 3(2) da *Quadrante*, subscrito por António Nóvoa, para além de um interessante historial sobre a profissão docente e uma discussão sobre as suas encruzilhadas actuais, contém afirmações que não podem deixar de algo surpreenderes para quem tiver lido os seus trabalhos anteriores. Diz ele que “[h]oje em dia, a retórica académica, dita e escrita na Universidade, exprime-se em conceitos que foram sendo esvaziados da sua carga teórica e conceptual e, sobretudo, da sua capacidade de indignação: professores reflexivos, auto-formação, desenvolvimento pessoal, conhecimento profissional, etc.” (1994, p. 9). E mais adiante critica os investigadores porque “agora, há também um olhar sobre as subjectividades, alargando o controlo sobre os professores, dos espaços públicos para os espaços privados”, subscrivendo a opinião de que “o pedagogo não gosta dos professores” (1994, p. 9).

Estas afirmações são bastante estranhas por diversas razões. Na verdade, António Nóvoa, ele próprio professor universitário e pedagogo, divulgou como investigador, a metodologia de investigação das histórias de vida que, mais do que qualquer outra, implica um questionamento da subjectividade pessoal do professor. Além disso escreveu diversos artigos e organizou vários livros em que se discutem abundantemente os conceitos de professor reflexivo, conhecimento e desenvolvimento profissional — muitos dos quais por sinal bastante citados na literatura da Educação Matemática portuguesa.

Além disso, algumas das ideias deste Editorial estão longe de se poderem considerar bem explicadas. Por exemplo, na sua mensagem talvez mais importante, António Nóvoa recomenda vivamente aos professores que se indignem — mas não esclarece com o quê e contra quem. Contra os pais? Contra os alunos? Contra o Ministério da Educação? Contra os investigadores?...

Aparentemente, António Nóvoa mudou de opinião em diversas matérias. Mas é pena que não tenha explicado um pouco melhor o alcance das suas afirmações nem as razões em que as fundamenta. E deste modo deixa no ar a dúvida se se trata sobretudo duma autocritica ou duma crítica ao que tem andado a fazer neste campo a Educação Matemática.

Num número temático sobre o professor de Matemática, domínio que muitos concordarão que tem tido em Portugal uma actividade significativa, é pena que o Editorial não faça um balanço e uma reflexão crítica equilibrada e construtiva sobre a investigação realizada e a realizar. Seria interessante que tivesse sido feita (pelo António Nóvoa ou por uma outra pessoa) uma reflexão sobre o percurso feito, os pontos fortes e pontos fracos desta investigação e sugeridas algumas direcções para o trabalho futuro.

A ausência de referências às especificidades do professor de Matemática e o tom crítico com que termina este Editorial deixa no ar outra dúvida. Há quatro anos este autor parecia reconhecer um papel significativo para as didácticas específicas quando escreveu “o saber de referência da profissão docente não pode ser construído à margem da lógica da produção científica das várias

disciplinas. Vários autores convergem nesta posição, insistindo na necessidade dos professores possuírem capacidades de (re)estruturação e de contextualização dos conhecimentos..." (1991, p. 10). Será que este António Nóvoa ainda existe ou desapareceu?... Pela minha parte, espero sinceramente que ainda subsista e que venha, com a sua reconhecida capacidade crítica e saber, a dar na *Quadrante* contributos realmente úteis e estimulantes para o progresso da Educação Matemática em Portugal.

Referências

- Nóvoa, A. (1991). Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és: E vice-versa. *Actas do PROFMAT 91*, Vol. 2 (pp. 1-20). Lisboa: APM.
 Nóvoa, A. (1994). Editorial. *Quadrante*, 3(2), 1-10.

João Pedro da Ponte, Dep. de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, R. Ernesto Vasconcelos, C1, 3ª, 1700 LISBOA. Endereço electrónico: ejp@cc.fc.ul.pt.

Ainda sobre o Editorial da *Quadrante* Vol. 3, nº 2

Caro José Manuel,

O Editorial de António Nóvoa na *Quadrante* (Vol. 3 (2), 1994) introduzindo o número especial sobre "O Professor de Matemática" me chamou a atenção. O autor usa uma abordagem geral enfocando a evolução histórica da escola e do papel do professor. Fica a critério do leitor extrapolar as conclusões para a área de Educação Matemática, assim como especular como o Editorial se relaciona com os artigos apresentados. No meu papel de leitora aceitei o desafio e em seguida registo algumas das minhas reflexões.

Sem dúvida que no meio da complexidade de ideias apresentadas por Nóvoa existem alguns pontos muito interessantes que merecem debate, e que a meu ver se relacionam com a problemática dos outros artigos na revista. Seguindo o argumento histórico de Nóvoa, acredito que alguns pontos podem ser isolados para discussão. Tais como, a origem do problema das identidades profissionais dos professores; e, como as representações de "saber" tem afectado o posicionamento dos professores em relação a grupos "populares".

Segundo Nóvoa o aparecimento das ciências da educação é visto como "um esforço da "nova" geração de educadores para valorizar o seu papel social e o seu prestígio científico" (p. 3). Não discordo da interpretação do autor. Entretanto, me parece ser necessário questionar a necessidade do grupo se afirmar. Por exemplo, porque professores de Matemática foram impelidos a terem sua profissão reconhecida? Não será este o início da distinção entre o "cientista" e o "professor", ou entre, o "matemático" e o "professor de Matemática", ou entre a "matemática" produzida no âmbito científico e a "matemática ensinada na escola"? Em suma, esta divisão pode reflectir uma

das origens da problemática da identidade profissional do professor.

Um outro tema no Editorial diz respeito a "aliança" dos professores com os grupos dominantes na sociedade, tal como a igreja e o estado, e a marginalização dos mais fracos, em especial comunidades "populares". Concordo com o posicionamento do autor que a "escola" tem marginalizado o saber das comunidades "populares". Quanto a posição dos professores acredito ser necessário uma análise mais detalhada. Nóvoa destaca "o que distingue a profissão docente de muitas outras profissões é que ela não se pode definir apenas por critérios ou por competências científicas. Ser professor implica a adesão a princípios e a valores, e a crença na possibilidade de todas as crianças terem sucesso na escola" (p. 7). Esta visão da profissão docente entra em conflito com a atitude de um professor que marginaliza os alunos das classes populares. Temos duas saídas para este dilema. A primeira é a de um professor que realmente acredita que todas as crianças tem potencialidade para aprender, mas que ao mesmo tempo crê que a única forma legítima de saber é o saber da escola. Nesta perspectiva ao negar o saber da classe popular o professor crê estar beneficiando o aluno. A segunda saída é que nem todo o professor compartilha as ideias de Nóvoa e o sistema educacional está repleto de professores que não acreditam que todas as crianças tem o mesmo potencial para aprender. A esta altura nos deparamos com o problema de determinar quais as posições assumidas pelos professores, isto é, nega o saber popular para ajudar as crianças ou nega a capacidade de aprender das crianças de classe populares? Não vejo saída para esta questão sem seguir o caminho adotado pelos educadores que relatam suas experiências neste volume dedicado ao professor de Matemática. Existem diversidades de posições, influenciadas por contextos sócio-culturais, e pelas vivências específicas a cada professor e que só poderão ser entendidas através da pesquisa. Sem dúvida, que, como ressalta Nóvoa, "olhar sobre as subjectividades" pode significar um alargar do "controlo sobre os professores, dos espaços públicos para os espaços privados" (p. 9), contudo esta me parece uma visão um tanto pessimista. A meu ver ela se assemelha a visão um tanto mítica que grupos dominantes exercem pressões sobre grupos minoritários sem sofrer qualquer resistência.

Referências

Nóvoa, A. (1994). Editorial. *Quadrante*, 3(2), 1-10.

Guida de Abreu, Fac. of Health Care and Social Studies, School of Psychology, University of Luton, Park Square, Luton, Bedfordshire, LU1 3JU, REINO UNIDO. Endereço electrónico: GABREU@VAX2.LUTON.AC.UK